

Brasília abriga museus que poucos conhecem

Secretaria de Cultura recorre à exposição para divulgar o acervo da história que eles contam

PELAGIO GONDIM
Da Editoria de Cidade

São poucos os brasilienses que, de fato, sabem que Brasília tem mais de 10 museus. São ainda em número mais reduzido aos brasilienses que já visitaram todos esses museus e pelo menos saibam onde eles se localizam. Esse desconhecimento talvez seja fruto do desinteresse ou da pouca divulgação. O certo, porém, é que Brasília não só tem bons museus como neles reúnem peças valiosíssimas pela sua antiguidade e importância histórica.

Há poucas semanas, o Departamento Histórico e Artístico da Secretaria de Cultura promoveu uma exposição Síntese dos Museus de Brasília, com o objetivo de promover maior intercâmbio entre os museus da cidade para melhor divulgar à comunidade os acervos existentes e os serviços por eles prestados. A iniciativa foi um dos passos para se criar uma Sociedade dos Amigos dos Museus de Brasília, cuja missão básica é levar a comunidade até os museus.

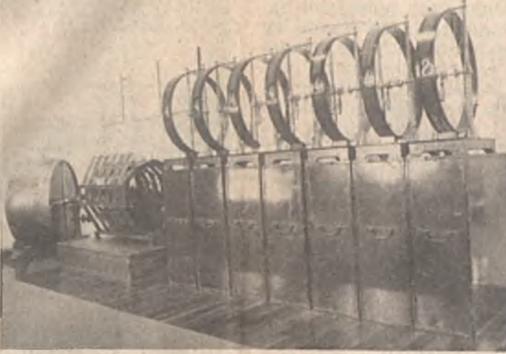
Isso é necessário. Afinal, sem os grupos estudantis, sem os turistas e sem os pesquisadores, os museus

estariam praticamente vazios,

uma vez que grande parte da população, mesmo aquela culturalmente mais privilegiada, quase não frequenta esses locais. Essa mesma maioria desconhece, por exemplo, que são 10 os museus reconhecidos pelo Departamento Histórico e Artístico. São eles: Museu de Artes de Brasília, Museu da Caixa Econômica Federal, Museu do Catetinho, Museu Etnográfico, Museu Histórico de Brasília, Museu da Imprensa Nacional, Museu de Planaltina, Museu Postal e Telegráfico, e Museu de Valores do Banco Central. Nessa relação, incluímos mais um: o Museu das Armas do Palácio do Buriti.

Brasília deve ganhar ainda mais dois museus: o Panteão da Democracia e o do Índio. O primeiro já está sendo construído, o segundo continua na promessa. Mas o que se espera do Panteão e que resgata a história recente do País, como o golpe militar de 64 e a festa da democracia com a eleição de Tancredo Neves. Ficarão faltando, entretanto, um museu que conte, de fato, a verdadeira história da construção de Brasília. (Mais museus na página 31)

FOTOS: JULIO ALCANTRA



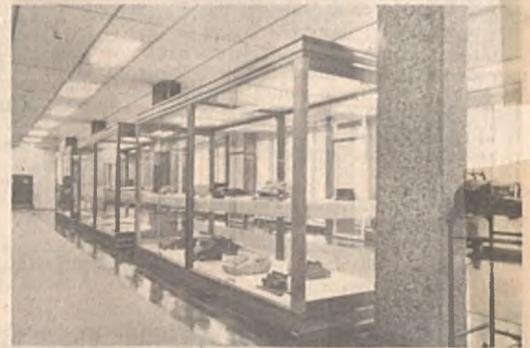
Um conjunto de peças aposentadas de extração lotérica



Uma agência típica dos anos 30: com o retrato de Vargas



A primeira caixa-forte guardava recursos até de escravos



Máquinas de calcular: evolução ao longo de décadas

MUSEU ETNOGRÁFICO

A memória indígena preservada

Quem se interessa pela cultura dos povos primitivos e quer ter um conhecimento maior sobre as nações indígenas que habitaram e habitam a América Latina, obrigatoriamente terá que passar pelo Museu Etnográfico e Biblioteca do Instituto Antropos do Brasil, localizado na 609 Norte. O acervo é composto por mais de 1 mil peças, todas autênticas e, em sua maioria, encontradas em território brasileiro e produzidas por tribos do País, algumas das quais já extintas. Daí ser conhecido também como Museu do Índio.

O Museu etnográfico surgiu em São Paulo em 1969, passando a funcionar em Brasília em 1 de abril de 1972. Ele está vinculado ao Instituto Antropos Internacional, com sede na Alemanha, e conhecido pelos estudos em etnologia e etnografia desde 1906. No museu há exposições distintas, divididas em arqueologia, cultura material e arte plumária.

Na sala de Arqueologia existem peças com idade calculada em mais de 400 milhões de anos. Em um caso, por exemplo, de um trilobite, molusco de três carapaças encontrado junto às ruínas de Tiuacano, na Bolívia, considerada a mais antiga da América. Entre outras raridades pré-históricas, há exemplares de peixes fossilizados, com idade estimada em 200 milhões de anos e encontrados no Ceará; e os machadinhos de pedra polida de 100 mil anos, descobertos em Santa Catarina. Um machadinho semelhante, com idade calculada em 10 mil anos, foi encontrado em 1976 no Vale do Amanhecer, a poucos quilômetros de Brasília, pelo padre José



Máscara indígena (E) e igaçaba (vaso) de 200 anos

Vicente Cesar, diretor do museu.

Na parte de cultura material, o museu também possui peças autênticas e raras, como a coleção de bonecas carajás feita há mais de 50 anos apenas para as meninas da tribo. Hoje há imitações vendidas como objeto decorativo.

São também curiosas as máscaras ticunas do Alto Amazonas, usadas no ritual da Moca Nova, quando a menina ticuna, após a primeira menstruação, tem seus cabelos arrancados. Uma outra peça que chama atenção é o machado Guarani, também usado em rituais, possuindo o formato de peixe. Junto ao Guarani, há machados diversos encontrados em várias regiões do País. Mas a peça

mais admirada é a igaçaba, um enorme pote de barro encontrado em Minas Gerais, em 1969 que pesa 100 quilos, possui três metros e 30 cm de circunferência, tendo cerca de 200 anos.

Cocares e enfeites feitos com penas de pássaros estão reunidos nas vitrines de arte plumária. Essa ala fica perto da biblioteca do Instituto, que possui 3 mil 277 livros, alguns raríssimos, como a coleção completa da revista "Anthropos", editada a partir de 1906.

O Instituto pretende construir um museu exclusivamente para os índios. Dentro de um ou dois anos, se o Governo não construir o Museu Nacional do Índio, as obras começarão na própria área onde hoje está o Instituto.

MUSEU DO BC

Dos florins ao cruzado de hoje

Numa época em que o Brasil passa por uma profunda reforma econômica e adota uma nova moeda, torna-se muito mais interessante conhecer o Museu de Valores do Banco Central, no Setor Bancário Sul. É um acervo vasto e rico, composto por mais de 110 mil peças, entre cédulas, moedas, barras de ouro, pepitas, medalhas e valores impressos. São peças que mostram, de forma abrangente e detalhada, tudo o que circulou no Brasil com riqueza e meio de pagamento.

O museu foi inaugurado em 31 de agosto de 1972, passando a funcionar no edifício sede do Banco Central a partir de 1981. O acervo foi composto quando o Banco Central incorporou a Caixa de Amortização, recebendo peças do Tesouro Nacional, das delegacias regionais e do Ministério da Fazenda e adquirindo outras da Casa da Moeda. Nos 1 mil 300 metros quadrados do museu estão divididos em três salas: Brasil, Moedas e Mundo, além da Casa Forte, onde são guardados ouro em barras e pepitas.

Na Sala Brasil existem quatro galerias. Colônia e Império

são as duas primeiras, ordenadas segundo os seus governantes, enquanto as duas últimas referem-se à República e demarcam os períodos anterior e posterior à criação do Banco Central, mostrando ainda os modernos meios de pagamentos.

Na galeria Brasil Colônia estão os florins de ouro, as primeiras moedas cunhadas no País. Exemplares dessas moedas foram leiloadas recentemente em Londres, numa coleção onde também encontravam-se peças raras: as barras de ouro fundidas pelos portugueses no século 18. Na Galeria Brasil Império, outro exemplar da coleção de moedas brasileiras leiloadas em Londres: a da coroação de D. Pedro I. Desta série foram cunhadas apenas 64 moedas que não chegaram a circular porque D. Pedro I não gostou. A galeria mostra ainda cédulas do Império, caracterizadas pelo tamanho. Na Galeria República estão as moedas de réis e as cédulas de 1 conto.

Na Sala Moeda existem diferentes tipos, formatos e grafias de moedas e cédulas de todo o

mundo. Há peças curiosas, como o Dáler e o Státer. O primeiro é uma moeda da Suécia, que chegou a medir 30 por 70 centímetros, pesando 20 quilos. Já o Státer é da Grécia antiga, com apenas 3 milímetros de diâmetro. Há ainda a moeda de prata usada na China e cédulas de alto valor artístico, como a de 100 libras do Egito, com os valores dispostos na vertical. A Sala Mundo, como o próprio nome diz, mostra moedas, cédulas e meios de pagamentos vigentes nos continentes.

Depois de percorrer essas salas, o visitante conhecerá a vedete do Museu de Valores: a Casa Forte, que guarda pepitas de ouro gigantes, como a que foi encontrada em Serra Pelada, pesando 80 quilos 820 gramas, contendo 83,04 por cento de ouro e é a maior pepita já encontrada. O acervo da Casa Forte reúne ainda instrumentos de garimpagem, mostra como o ouro é transformado em barras e ainda apresenta pepitas que os leigos podem confundir com pedras comuns por causa da coloração.

Atualmente o Museu de Valores trabalha no Cruzado, montando pesquisas para mostrar a nova moeda e a transformação econômica do País. Isso, aliás, é necessário, pois o museu, em termos de valores atuais, não possui uma mostra cronológica, que situe a determinação das famílias de moedas e cédulas com o período em que circularam e os fatos históricos a que motivaram sua circulação. O guia, porém, auxilia e ensina, por exemplo, que a partir de 1975 o Governo brasileiro passou a adotar mecanicamente moedas em aço inoxidável. Além de procurar informar com precisão cada período em que circularam todas as moedas brasileiras. Ou seja, o real, o réis, o mil réis, o cruzeiro e o cruzeiro novo, além de saber um pouco mais sobre o cruzado.

O museu abre de terça a sexta-feira, das 10h às 17h30. Sábado funciona das 14 às 18h.

Polêmica quase embarga obra

No Eixo Monumental está o Memorial JK, considerado o mais importante museu de Brasília em representação política e preservação da história recente do País. Inaugurado em 12 de setembro de 1981, no Governo do presidente João Figueiredo — o último dos 21 anos de ditadura militar —, o Memorial surgiu para manter viva e difundir a vida, a obra e os ideais democráticos do presidente Juscelino Kubitschek.

A idéia do Memorial partiu de dona Sarah Kubitschek, que iniciou uma campanha para construí-lo logo após a morte de Juscelino. O local escolhido foi um terreno de 5 mil metros quadrados no Eixo Monumental.

Essa ala conservadora entendeu como exaltação ao comunismo o pedestal que sustenta a estátua de JK, por ser semelhante, segundo diziam, à foice da bandeira da União Soviética. Também condenaram a cúpula do monumento, porque pelo lado externo lembraria uma bota — justamente a bota do guerrilheiro e revolucionário Ernesto "Che" Guevara. Foram, porém, vencidos. O momento político era de abertura e, graças a isso, a obra não foi embargada e o Memorial pôde ser inaugurado.

No térreo estão a Sala de Metas, reunindo painéis com as principais metas de Governo de JK e a sua carta de despedida ao povo brasileiro, a qual emocionou muitos visitantes, a biblioteca particular do presidente, com mais de 3 mil volumes de mobiliário original usada por JK, além de condecorações e a cópia em prata da Loba de Roma. Ainda no térreo há a Sala de Pesquisa, destinada a estudantes, professores, historiadores e cineastas interessados em conhecer JK e a história da construção de Brasília.

O primeiro andar comove mais o visitante. Nele há um auditório, com capacidade para 310 lugares e totalmente equipada para qualquer evento cultural, embora seja pouco usada desde sua inauguração. O que chama a atenção mesmo é a Câmara mortuária, onde estão os restos mortais de JK. Ela é decorada com painéis de Athos Bulcão (o mesmo que fez os relevos externos do Teatro Nacional) e um vitral de Marianne Peretti.

Há ainda uma exposição permanente. Nela estão três painéis fotográficos com cenas sobre a inauguração de Brasília ao lado de personalidades ilustres e polêmicas como o cubano Fidel Castro. Há também inúmeros objetos pessoais e documentos históricos que permitem uma visão mais ampla da vida familiar, intelectual e política de JK. O Memorial, que ainda dispõe de um grande acervo de reserva, que não está exposto, funciona diariamente de 8h às 18h.

ARQUIVO



É ou não é uma foice?

Poupança para comprar alforria

Um mergulho na história da poupança no Brasil é o que se sente ao visitar o Museu da Caixa, localizado no Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal no Setor Bancário Sul. Criado em 14 de setembro de 1976, mas inaugurado somente em 12 de agosto de 1980, o Museu da Caixa reúne cerca de 10 mil peças — acervo formado por doações de empregados e clientes e de material coletado em agências e filiais da CEF em diversos Estados.

Sua finalidade básica é preservar a memória da CEF, instituição criada por D. Pedro II em 12 de janeiro 1861. Estes 125 anos de história estão distribuídos num espaço amplo, onde pode-se ver peças antigas e novas. As antigas, evidentemente, chamam mais a atenção do visitante que fica conhecendo as primeiras máqui-

nas de calcular e os primeiros cofres, os quais não possuem nem cadeados ou segredos.

Igualmente interessante é descobrir que o primeiro depositante da Caixa foi Antônio Pereira Coruja e que os escravos também tinham suas cadernetas de poupança, justamente para conseguir comprar a carta de alforria. Os clientes mais especiais daquela época também guardavam suas moedas em cofrinhos dados pela Caixa. O Museu tem uma coleção desses cofres indo desde miniaturas de baús até aos atuais cofres cilíndricos de papelão.

O que agrada mais a curiosidade do visitante é a Agência da Época, ou seja, uma agência dos anos 30 reconstituída fielmente com peças originais. Não falta nem o biombo que preservava a identidade dos clientes que iam penhorar os bens, alitu-

de que naquela época, menos do que hoje, era vergonhosa.

Também agrada ao visitante a exposição sobre a evolução da loteria no Brasil, incluindo-se as Loterias Federal, Esportiva e a Loto. O jogo do bicho, ou a Zooteca, ainda continua de fora.

O Conjunto Cultural possui ainda uma pinacoteca no primeiro andar. Ali, a maioria das obras é de artistas convidados para ilustrar as estampas das quatro principais extrações da Loteria Federal (Inconfidência, São João, Independência e Natal). No acervo da pinacoteca, obras de Djanira, Di Cavalcanti, Ademir Martins e Antônio Potero. O Conjunto Cultural ainda possui uma biblioteca com 17 mil volumes e auditório com capacidade para 304 pessoas.

O Museu funciona de terça a sexta-feira, de 9h às 21h e sábados e feriados, de 9h às 18h.

CATETINHO

Uma lembrança dos pioneiros

Uma obra concluída em apenas 10 dias representa um marco na história da edificação de Brasília. É o Catetinho, um casarão construído em madeira que lembra as sedes das grandes fazendas. O Catetinho nasceu primeiro que Brasília para abrigar o presidente Juscelino Kubitschek, visitantes estrangeiros, convidados brasileiros e técnicos importantes que trabalhavam na maior obra de 1960: a construção de Brasília.

O Catetinho foi construído entre 22 a 31 de outubro de 1956, quatro anos antes de Brasília ser inaugurada. O prédio é sustentado por colunas de madeira, tendo na parte superior seis quartos, cinco banheiros, uma sala de despachos e um barzinho. Na parte inferior, a cozinha, um depósito, churrasqueira e sala de refeições ao ar livre. Transformado em residência oficial provisória de Juscelino, o prédio recebeu o nome de Catetinho em homenagem ao velho Palácio do Catete do Rio de Janeiro.

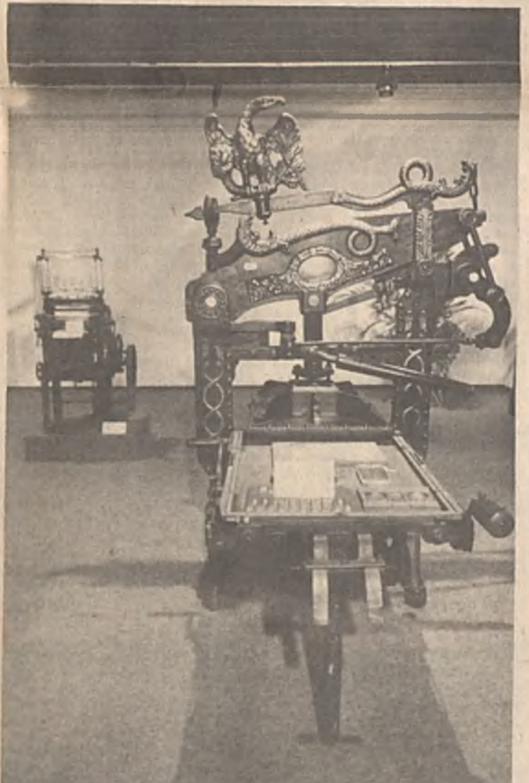
Muitos dos objetos e móveis usados pelo Presidente na época continuam lá. São cadeiras, mesas, quadros e objetos pessoais. A sala de reuniões prende mais a atenção do visitante, principalmente por causa das primeiras fotos da construção de Brasília em que também aparecem alguns membros da equipe de Juscelino, como Oscar Niemeyer, Bernardo Sayão e Israel Pinheiro.

A área onde fica o Catetinho é cercada. O local é bucólico, tornando mais agradável a visita. Dificilmente o visitante sai sem posar ao lado de uma estátua do Presidente. Localizado às margens da rodovia BR-040, Saida Sul, o Catetinho fica aberto diariamente das 8h às 18h.

ARQUIVO



Preservado como em 1956



Neste prelo, foram impressas obras de Machado de Assis

MUSEU DA IMPRENSA

Diário lembra Lei Áurea

Máquinas antigas, exemplares das primeiras publicações oficiais e peças gráficas raras compõem o acervo do Museu da Imprensa Nacional, localizado no Setor de Indústrias Gráficas e administrado pelo Departamento de Imprensa Nacional. Pelo acervo, pode-se conhecer um pouco da evolução da comunicação impressa brasileira, especialmente a desenvolvida pelo Governo, já que o museu procura preservar mais a memória da imprensa oficial do que a história da imprensa no Brasil.

O acervo, mesmo limitando-se à imprensa oficial, não é muito diversificado, embora possua peças raras e importantes pela sua antiguidade e valor histórico, como o número um do Diário Oficial datado de 1º de outubro de 1862; o prelo de 1833 de fabricação inglesa usado pelo escritor Machado de Assis quando era tipógrafo da Imprensa Nacional; máquinas fotográficas do tipo lambe-lambe; trabalhos gráficos encomendados por particulares; máquinas litográficas e um relógio neoclássico de 1808 em pleno

funcionamento. Quem trabalha com gráfica pode-se sentir mais à vontade no museu. Os leigos e os que buscam maiores informações, tanto sobre a imprensa oficial quanto a imprensa no Brasil, saem um pouco frustrados. A frustração só não é maior graças ao audiovisual de 18 minutos, que reúne informações mais valiosas para se conhecer a história da imprensa (mesmo a oficial) no Brasil. Depois do audiovisual, o visitante deixa o museu com a sensação de que ainda faltam muitas peças para recompor essa história. Talvez por isso que o museu pede, nos folhetos que distribui, doações.

Essas deficiências não tiram a importância educativa do museu. Vale a visita, mesmo que seja apenas para conhecer a coleção Diário Oficiais, onde pode-se ver os originais que publicaram os decretos da Lei Áurea e da Proclamação da República. O museu funciona de segunda a sexta-feira das 8 às 17 horas e aos sábados e domingos, abre às 14h e fecha às 17h.



A maior pepita de ouro encontrada no Brasil: 60 quilos

A evolução da comunicação no País

Museu Postal e Telegráfico, da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, é considerado um dos mais completos de Brasília. São sete andares e dois subsolos no edifício Apolo, no Setor Comercial Sul, com inúmeras peças sobre correios, filatelia, telefonia/telegrafia e radiotelegrafia. É um rico acervo que reúne séculos raros, como o Olho-de-Boi; raixas postais do Império; móveis e aparelhos antigos usados nas agências, além de modernos equipamentos atualmente utilizados pela ECT.

A visita ao museu, inaugurado a 15 de janeiro de 1980, é assim dividida: no térreo o visitante é recepcionado por guia que lhe fornece material informativo e leva-o à sala de audiovisual, que apresenta um retrospecto da história postal, telegráfica e telefônica desde os tempos do Brasil Colônia. No segundo andar há farta documentação sobre a história das comunicações no Brasil, publicações sobre filatelia e uma exposição de relógios e mobílias antigas que eram usados nas agências da ECT. No mesmo andar funciona um espaço para exposições temporárias sobre temas postais e telegráficos.

A filatelia funciona no 3º andar. Há várias coleções filatélicas nacionais e internacionais. Nelas, os selos mais famosos são: Olho-de-Boi, Inclínados, Olhos-de-Cabra, Olhos-de-Gato, a série D. Pedro II Barba-Branca e Barba-Preta além do primeiro selo do mundo: o Penny Black, de 1840.

A história da modernização dos correios e telégrafos está

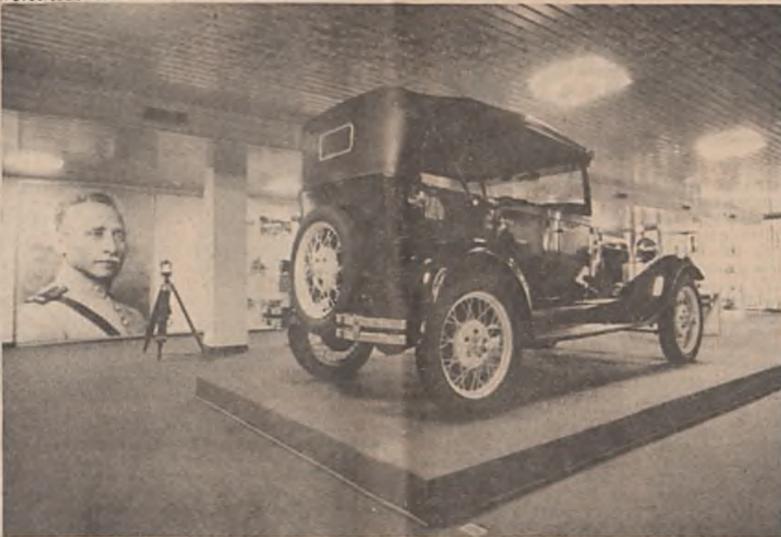
contada no 4º andar. Destacam-se mípiaturas do dirigível Graf Zeppelin, dos transportes postais terrestres e dos principais tipos de aviões que fizeram a história do Correio Aéreo do Brasil.

No 5º andar, um conjunto que mostra a importância do telegrafo, telefonia e radiotelegrafia nas comunicações do Brasil. Entre as curiosidades, o Ford Bigode de 1929 do marechal Rondon, pioneiro na instalação de linhas telegráficas no País; um exemplar do telefone pé-de-ferro; e o transmissor Breguet, o primeiro aparelho telegráfico que funcionou no Brasil.

Um panorama sobre a evolução dos correios está no 6º andar. E lá que estão os curiosos carimbos e caixas de coletas usados no Brasil Colônia, Brasil Império e nos primeiros anos da República. Nesse andar foi montada uma agência antiga, com peças originais. Também são originais as sacolas de carteiros do Império e a máquina artnouveau para venda de cartões-postais.

A visita mais rápida ao museu demora pelo menos 45 min, que podem ainda ser prolongados no primeiro subsolo onde funciona a ECT Galeria de Artes, destinada principalmente para exposições de artistas plásticos da empresa ou que trabalham para ela. A galeria funciona de terça a sexta-feira de 10h às 20h45, e aos sábados, das 14h às 18 horas. O Museu funciona nesses mesmos dias, das 8h às 18h e sendo que no sábado e domingo, das 14h às 18h.

FOTOS: JULIO ALCANTRA



O Ford Bigode de 1929 usado pelo marechal Rondon, pioneiro instalador da telegrafia

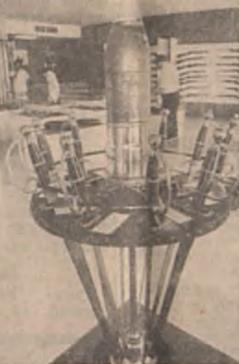
MUSEU DE ARMAS

Carabina com a idade do Brasil

O trabalho de quase 50 anos do colecionador gaúcho Arlindo Pedro Zatti resultou no Museu de Armas, atualmente funcionando no hall do Palácio do Buriti. Do acervo, Pedro Zatti contribuiu com mais de 1 mil 600 peças, enquanto o Tribunal de Justiça completou-o com mais 40 armas.

O museu, administrado pela Polícia Militar, é rico em armas, remediado em pesquisa e pobre em estrutura. Sua própria história é um conflito: Zatti não tinha mais espaço para manter sua coleção, cobrada por colecionadores estrangeiros. Preferiu vendê-la por apenas Cz\$ 1 milhão em 1972 ao GDF, quando na época tinham lhe oferecido Cr\$ 3 milhões. Sem espaço, o governador Hélio Prates expôs a coleção no Palácio do Buriti. Somente em 24 de novembro de 1983, já com o governador José Ornellas, a coleção ganhou o nome de Museu de Armas. Mas no atual Governo já se fala em transferi-lo para outro local.

Independente desses problemas, a coleção é bastante valiosa, tanto pela quantidade quanto pela qualidade, antiguidade, conservação e diversificação das peças. A arma mais antiga é uma carabina chinesa de 1500, tão interessante quanto as pis-



Espadas para os duelos

tolas italianas (1580) e egípcias (1820) e o bacamarte do marechal Manoel Luiz Osório (1860). Uma arma rara é a pistola italiana de 1517, que possui cravo do cabo e braço da Casa de Sabóia, símbolo de monarcas da Itália.

Há armas importantes pela curiosidade. E o caso do revól-

ver de 1890 usado pelo cabo Gregório Machado da Rocha, carasco e da tropa da armada gaúcha em 1983. Gregório era o executor dos condenados pela tropa e, toda vez que executava um, marcava a coroa do revólver. A coroa tem 31 marcas.

O acervo possui ainda armas fabricadas na Europa para uso diversos. As bengalas usadas pelos lordes londrinos, por exemplo, escondiam no cabo descartável pistolas minúsculas e poderosas. Também carregavam soco-ínglês que ora pistola ora um punhal. Os franceses, por sua vez, usavam uma pistola redonda que podiam esconder na palma da mão, deixando para fora apenas o cabo. Para dispará-la, bastava espreme-la como se espreme um limão.

O Museu de Armas abre de segunda à sexta-feira em horário comercial. Em média 20 pessoas visitam a coleção, que também possui alguns exemplares medievais. O soldado Paulo Batista é quem orienta o visitante, tentando fornecer o máximo possível de informações, conseguidas graças ao seu próprio interesse pelo acervo, já que não possui nenhum tipo de material impresso para facilitar o seu trabalho.

MUSEU DE ARTE

O modernismo candango

Obras de artistas plásticos consagrados internacionalmente reunidas ao trabalho de novos talentos que surgem no Distrito Federal e em outros Estados. Esta é a principal característica do mais novo museu da cidade: o Museu de Arte de Brasília, inaugurado no dia 7 de março de 1985.

As telas, gravuras, tapeçarias e esculturas que compõem o acervo do MAB pertencem à Fundação Educacional que administra o museu. Esse acervo, composto por mais de 300 peças em exposição permanente, foi formado durante vários anos através de doações de artistas

que expuseram e expõem nas galerias da Fundação. Por isso reúne vários estilos, tendências e manifestações das artes plásticas.

Sua proposta, na realidade, é exatamente esta: oferecer ao público um painel diversificado da produção de arte no País, não exigindo que esse artista já seja conhecido ou esteja começando, basta que a obra tenha qualidade. Nesse aspecto, pode-se encontrar no térreo do MAB esculturas e tapeçarias assinadas por Vasco Prado, do Rio Grande do Sul, Joaquim "Quincas" Ferreira, de Sazilândia e Elifas Batista, de Goiás.

No primeiro andar do prédio estão expostas as pinturas, desenhos e gravuras de artistas locais, nacionais e estrangeiros. Há, por exemplo, desenhos do carioca Tancredo de Araújo, pinturas do português Manoel Cargaleiro e gravuras de Iberê Camargo. Já no subsolo funcionam um centro de documentação, um auditório, uma galeria, além de uma ampla sala destinada a mostras temporárias de cunho temático, didático, retrospectivo e documentário. Recentemente a sala foi ocupada por Eli Heil, primitivista que vai da pintura à escultura usando material que para alguns seria apenas lixo.

Dirigido por João Evangelista, o MAB funciona das 10h às 17h fechando às segundas-feiras. Fica no Setor de Hotéis de Turismo Norte, entre a Concha Acústica e o Brasília Palace Hotel. Recebe, em média, 30 visitantes por dia sem contar os grupos de estudantes. O telefone é 224-6277.



Novos talentos têm vez

MUSEU DA CIDADE

O primeiro a ser criado

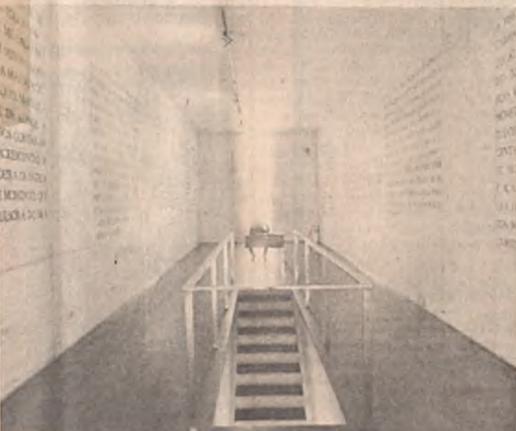
O Museu Histórico de Brasília nasceu com a própria cidade. Inaugurado pelo presidente Juscelino Kubitschek às 12h45 do dia 21 de abril de 1960, o museu, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, é, na verdade, mais um elemento arquitetônico no conjunto da Praça dos Três do que um espaço onde se possa adquirir maiores informações sobre a construção de Brasília.

O museu foi concebido para comemorar a transferência da capital do País para o Planalto Central e marcar a instalação do Governo Federal em Brasília. Apreciado mais como monumento, o Museu da Cidade, como também é conhecido, compreende apenas um salão de cinco por 35 metros. Nas paredes internas e externas revestidas de mármore estão trechos de discursos e informações históricas, num total de 16 painéis. O que desperta maior atenção dos visitantes é o painel externo com um trecho do discurso de Juscelino sobre sua obra: Brasília.

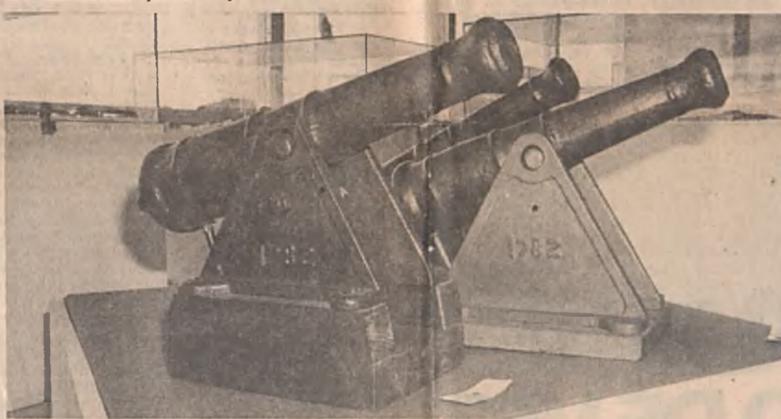
Mesmo sem ter muito para se ver, o museu é bastante frequentado, especialmente por turistas. Os estrangeiros, segundo Vicente Rodrigues da Silva, praticamente o único funcionário, olham com curiosidade mas sem muito interesse para os painéis. Já os brasileiros demoram-se mais, lendo com atenção esses painéis "Tem gente que chora", revela Vicente.

Com ou sem choro, o fato é que em poucos minutos o monumento é visitado. Muitos saem decepcionados, especialmente por causa das infiltrações no teto e a sujeira no espelho d'água que protege o monumento. A satisfação dos visitantes, porém, é ser o fotógrafo junto à escultura da cabeça de JK, obra do artista J. Pedrosa.

O museu, administrado pela Fundação Cultural, abre de terça-feira a domingo, das 9h às 18h.



Muito mais um monumento arquitetônico do que um museu



Os canhões portugueses de 1782: marcas da colonização mantida a ferro e fogo no Brasil

MUSEU DE PLANALTINA

Falta de verba ameaça história

Planaltina completa 127 anos no próximo dia 19 de agosto. E, portanto, a cidade-satélite mais antiga, com 100 anos a mais que o próprio Distrito Federal. Sua história, porém, está mal preservada, restando apenas alguns conjuntos arquitetônicos que não permitem que o seu passado seja totalmente ignorado pelas gerações mais novas. Para impedir esse esquecimento, um casarão colonial na parte mais antiga da cidade foi transformado em museu, estando atualmente em reforma.

A casa foi construída no fim do século passado. Não há registros oficiais sobre quem a construiu ou nela morou. O que se sabe é o que os habitantes mais velhos contam. E eles dizem que a casa pertenceu a Afonso Coelho, que a inaugurou com a Festa do Divino — folclore que ainda hoje sobrevive em Planaltina —, da qual era o festeiro, ou seja, o dono da residência que recebe os convidados e dá as oferendas. Posteriormente a casa foi arrematada por um

carioca, conhecido apenas como Afonso. O Museu de Planaltina é pobre. O que tem de mais valioso é o próprio prédio, por causa de sua arquitetura. O acervo é composto por mobílias antigas, da década de 30, e uma minibiблиотеca. Quase não há nada para se ver e o que tem não traduz nem um pouco a história da cidade. Ademir Oliveira, assessor cultural da Administração Regional de Planaltina, admite que falta muita

coisa, principalmente verba para pesquisa e aquisição de peças que possam recompor o passado de cidade.

As reformas do prédio começaram em abril e devem ser concluídas em outubro, mas o museu só deve reabrir no final do ano, quando receber verbas suplementares do Ministério da Cultura. O custo da reforma foi orçado em Cz\$ 137 mil, mas deve superar esse valor.



Casarão em reforma: museu onde pouco há para se ver

Como, onde e quando visitá-los

Estes os endereços, dias e horários de funcionamento dos museus:

Museu de Arte de Brasília — Setor de Hotéis de Turismo Norte, entre a Concha Acústica, a Churrascaria do Lago e o Brasília Palace Hotel. Abre de terça-feira a domingo, das 10h às 17h. Ônibus: Circular Alvorada, linha 104.

Museu da Caixa — Conjunto Cultural da CEF, Setor Bancário Sul, anexo ao edifício-sede da Caixa Econômica Federal. De terça a sexta-feira, das 9h às 21h; sábado e feriado, das 9h às 18h.

Museu do Catetinho — Próximo à rodovia BR-040, Saida Sul, no caminho de Val-

paraíso. Abre diariamente, das 8h às 17h.

Museu Etnográfico — Avenida L-2 Norte 609. Conhecido também como Museu do Índio, abre de segunda-feira a sábado, das 8h às 18h.

Museu de Planaltina — Praça Salviano Monteiro, nº 24, parte velha da cidade. Atualmente está fechado para reforma.

Museu Histórico de Brasília — Praça dos Três Poderes, funciona de terça-feira a domingo, de 9h às 18h30min.

Museu da Imprensa — Setor de Indústrias Gráficas, prédio do Departamento de Imprensa Nacional. De segunda a sexta-feira de 8h às 17h; nos sábados e domingos, de 14h às

17h. **Memorial JK** — Eixo Monumental Oeste, Praça do Cruzeiro. Abre diariamente, das 8h às 18h.

Museu dos Correios e Telégrafos: Edifício Apolo, Setor Comercial Sul, Quadra 4. Abre de terça a sexta-feira das 8h às 18h; sábados e domingos, das 14h às 18h.

Museu do Banco Central — Setor Bancário Sul, edifício-sede do Banco Central. De terça a sexta-feira das 10h às 17h30min; aos sábados, das 14h às 18h.

Museu das Armas: Praça do Buriti, no Palácio do Buriti, sede do Governo do Distrito Federal. De segunda a sexta-feira das 8h às 18h.